

# NORTE-SUL

VILÉM FLUSSER

Para um brasileiro que viaje pelo mundo "branco" dois aspectos da situação atual tornam-se aparentes: como são secundárias tôdas as tensões internas desse mundo, se comparadas com aquela que o separa do resto da humanidade; e como é importante a posição do Brasil dentro da tensão que separa o mundo "branco" do resto da humanidade. Não pretendo afirmar que esses aspectos só aparecem para quem viaje. Todo aquele que procura orientar-se na atualidade sabe da profunda divisão entre a humanidade tecnológica e o resto. E sabe que essa divisão marcará o último terço do século XX. E todo aquele que se interessa pelo Brasil sabe que a divisão global encontra lá um palco em miniatura. Mas saber é uma coisa, vivenciar é outra. A viagem tem a qualidade de transformar conhecimento em vivência, de traduzir o pensamento para a vida. E essa tradução transforma, curiosamente, o sabido. O presente artigo procurará traduzir em palavras essa transformação, procurará portanto uma retradução da vida para o pensamento.

Definirei como "mundo branco" aquelas sociedades que brotam historicamente da cristandade medieval, e evoluíram uma maneira de vida baseada em grande parte sobre a ciência renascentista. Definirei como "resto da humanidade" aquelas sociedades para as quais cristianismo (e portanto ciência), são historicamente influências estranhas. E definirei como "Brasil" um país vasto e pouco povoado, no qual se dá uma fusão entre o mundo branco e o resto da humanidade. Direi portanto que atualmente há uma divisão global entre o mundo branco e o resto da humanidade, e que essa divisão se acha superada, problemáticamente e em miniatura, no Brasil.

Procurarei descrever a grande cena, e a cena em miniatura, tal como as vivencia um viajante. Numa parte da Terra (aproximadamente na península europeia e em partes consideráveis da América do Norte), começa a delinear-se um processo de realização dos projetos contidos nas ciências. Isto é: a natureza, a sociedade, e aquilo antigamente chamado "alma" começa a ser manipulado disciplinadamente e deliberadamente. Natureza, sociedade e alma tornaram-se objetos. E os resultados da objetivação e consequente manipulação do mundo já começam a tornar-se aparentes. (1) Os processos da natureza, da sociedade e da alma são parcialmente previsíveis. Acabaram os milagres. E não há mais motivos para grandes surpresas. (2) Os processos da natureza, da sociedade e da alma são parcialmente influenciáveis. O mundo passa a ser sempre

que estrutura o mundo branco. Mas, paradoxalmente, a previsão, a influencia e a explicação não modificam o processo. A previsão pode ser estendida e explica, desde já, o futuro imediato. A despeito de tôdas influencias o resto da humanidade manipulará paulatinamente o mundo branco e alterará profundamente a sua estrutura. Alterará inclusive, a forma científica da vida. Isto é: destruirá o paraíso. Muito breve a humanidade branca terá enormemente ampliado o terreno das surpresas, dos desejos e das atividades. Muita coisa surpreenderá o mundo branco, muito restará a desejar ao mundo branco na nova situação, e muita coisa deverá fazer se quiser salvar-se. Este será o problema para o mundo branco no futuro imediato.

Descrerei agora a cena em miniatura, a cena brasileira. Ela se apresenta levemente modificada, se vista a partir do mundo branco, e não de dentro. O fato curioso é a inversão das coordenadas. Em vez de "norte", leia-se "sul", e em vez de "sul", leia-se "norte". O paraíso científico e tecnológico começa a realizar-se (embora precariamente), ao sul do Rio de Janeiro, e as massas do "resto da humanidade" habitam o norte e o nordeste. E a relação entre os dois mundos não é tão nítida e tão polarizada. Também no Brasil, (como na Terra), não conseguem as máquinas sulinas acompanhar a curva produtora biológica das massas nordestinas. Também no Brasil, (como na Terra), abre a má consciencia tecnologica fendas no paraíso, pelas quais penetram paulatinamente as influencias dos outros. Também no Brasil, (como na Terra) começa a articular-se uma situação insustentável. Mas no Brasil os dois mundos estão entrelaçados. Pequenas ilhas sulinas formam um arquipélago no norte, e um mar nortista banha as grandes ilhas sulinas. Os dois mundos não estão separados geograficamente, mas apenas vivencialmente. Formam-se assim muitas superfícies de atrito, e portanto de interpenetração constante. E começa a delinear-se uma primeira possibilidade de síntese dos dois mundos.

Uma luta cataclísmica entre norte e sul é perfeitamente possível na cena global, e os acontecimentos vietnamitas parecem indicá-la. Num dilúvio que se seguiria os dois arquipélagos brasileiros seriam inundados. Todo o Brasil formará, nesse acontecimento apocalíptico, como que um posto nortista avançado no terreno sulino, e destinado a sofrer primeiro o seu impacto. Mas no estágio atual o mundo branco, (como o mundo

branco), não tem a consciência populacional ou de produção industrial e agrícola para comprová-la. A profecia do dilúvio não exige introdução nenhuma de uma catástrofe nas curvas presentes. Basta projetá-las para mais dez anos. Quer negar o dilúvio é querer introduzir uma modificação repentina nas tendências da atualidade. Uma viagem ao mundo branco tem por efeito a clara consciencialização desse fato na mente do viajante brasileiro. Sente o dilúvio não apenas nas estatísticas, mas no comportamento da juventude, (especialmente na académica), com seu "engagement" suicida. O comportamento é explicável da seguinte forma: A realização progressiva do paraíso na Terra é vivenciada como um saque sobre o futuro.

Não apenas a Lua, mas também o Saturno e o Sirio já foram alcançados, explorados e aproveitados virtualmente. Já foi descoberta, virtualmente, a composição química da vida. Já foi inventada, virtualmente, a felicidade provocada por drogas. O saque sobre o futuro esvaziou o futuro. Mas, aniquilou também o presente. Não havendo mais desafios significativos, não há mais incentivo para a ação e o pensamento. Mas a juventude quer agir e pensar, e deve portanto destruir o futuro esvaziado. E como a destruição do futuro é suicídio, está empenhada a juventude branca, (e mais especialmente a americana), numa atividade autodestruidora. Aceita o dilúvio de braços abertos. O tigre de papel, esse papagaio gigantesco, começa a inverter-se contra si mesmo, insuflado pelo vento sulino.

No Brasil temos desafios reais, e estamos desastrosamente preocupados com os detalhes das nossas tarefas para podermos ver a cena inteira. E nisto vejo uma esperança, não apenas brasileira, mas para a humanidade. Construimos uma arca, sem nos darmos conta do dilúvio para o qual a estamos construindo. As nossas tentativas de sintetizarmos as contradições entre o mundo branco e o mundo dos outros seriam ridículas, se num âmbito global as mesmas experiências estivessem se dando. As nossas realizações são infinitamente menos poderosas que aquelas realizadas alhures. Mas deixam de ser ridículas, e passam a ser enormemente importantes, se considerarmos que somos praticamente os únicos a realizá-las. Talvez a importância brasileira esteja no clima. No mundo prevalece um odio, fruto do temor da catástrofe que se aproxima. No Brasil ainda prevalece um clima de abertura e de mutua prontidão para a colaboração, frutos de um futuro incerto e imprevisível. Estamos construindo uma arca.

Estamos construindo uma arca, sem nos darmos conta do dilúvio para o qual a estamos construindo. As nossas tentativas de sintetizarmos as contradições entre o mundo branco e o mundo dos outros seriam ridículas, se num âmbito global as mesmas experiências estivessem se dando. Mas talvez a importância brasileira esteja no clima. No mundo prevalece um odio, fruto do temor da catástrofe que se aproxima. No Brasil ainda prevalece um clima de abertura e de mutua prontidão para a colaboração, frutos de um futuro incerto e imprevisível. Estamos construindo uma arca.

mundo passa a ser sempre mais como deve ser, e será inteiramente como o desejam os influenciadores. Ser e dever ser, realidade e valores tendem a confundir-se. (3). Os processos da natureza, da sociedade e da alma são parcialmente explicáveis. O mundo passa a ser sempre mais transparente. E natureza, sociedade e alma tendem a desaparecer, (nesta ordem). Os resultados da manipulação do mundo objetivado podem ser resumidos da seguinte forma: está sendo reduzido, progressivamente, o terreno das surpresas, dos desejos, e das atividades. Em outras palavras: o mundo se assemelha sempre mais, nessa parte da Terra, ao paraíso.

Mas o clima paradisíaco não prevalece. Não se espalha, como devia, o tédio paradisíaco e o cansaço paradisíaco da vida. (Embora, obviamente, haja filhas nas quais esse clima domina, especialmente nas universidades). O clima paradisíaco não prevalece, porque o paraíso em vias de realização está ameaçado. A ameaça vem do resto da humanidade. Ao sul (e ao sudeste), do Eden habitam "massas", e essas massas começam a não serem manipuláveis. Reagem à manipulação do mundo branco de uma maneira desagradável (embora não surpreendente). Tendem a manipulá-lo de sua parte. Revelam, progressivamente, ser não objetos, mas "outros homens". Isto é uma experiência nova para o mundo branco. Pela primeira vez na história o mundo branco encontra outros mundos. (Com exceção, talvez, das experiências medievais, já esquecidas). Até agora as massas extrabranças eram "indígenas", primitivos, "seres exóticos", ou "fontes de matérias-primas e consumidores de produtos industriais", tudo isto em termos ostologicamente duvidosos, mas designando vagamente coisas. Agora passamos a ser seres humanos. Este encontro com outros nos limites do paraíso problematiza o paraíso. Porque os outros ou querem participar do paraíso sem poder fazê-lo, ou o admitem. Essa dupla negação torna inúteis as discussões intraparadisiacas, como aquele que se preocupa com o método mais eficiente de consolidá-lo. (Se o paraíso deve ser estabelecido pelos operários e camponeses, ou pelos métodos do mercado livre). Com efeito, o último terço do nosso século minimizará a tensão entre oeste e leste, para enfrentar a ameaça sulina.

A reação do resto da humanidade à manipulação branca não é surpresa. Era previsível, e continua influenciável e explicável. Enquadra-se perfeitamente no projeto científico

o único), no qual a catástrofe poderia ser evitada. Representa um ponto no qual, (pelo menos em tese), a tensão poderia ser superada. Para manter a imagem diluviana que estou propondo diria que no Brasil estamos tentando construir uma arca de Noé, a flutuar sobre as ondas. Esta é, a meu ver, uma das grandes importâncias que o Brasil tem na cena da atualidade.

O fato de que estamos nos aproximando de um dilúvio é uma afirmativa banal no mundo branco. No Brasil, ainda não foi inteiramente aceita. Basta, no entanto, lançar um olhar sobre não importa que estatísticas

Temos algo a oferecer no campo da arte, onde o mundo branco e os outros mundos, (especialmente o negro), encontram já uma síntese produtiva. Temos algo a oferecer na literatura, e começamos a articular algo interessante no campo da filosofia. Nos demais campos somos muito fracos. Mas o que conta são as tendências que representamos. São as tendências em prol de uma superação de grande separação que marca o mundo da atualidade. Se conseguirmos manter fidelidade a essas tendências, e se conseguirmos realizar algo palpável, seremos talvez um dos líderes do futuro. Seremos arca.

11 = 521 : 6 (1a ABIP) 1967

## Henry Moore esteta

Vem de ser publicado, na Inglaterra, "Henry Moore on Sculpture", álbum que, além de inúmeras reproduções das obras do celebre escultor britânico ostenta algumas das declarações e dos escritos deste sobre as artes e os artistas, editados por Philip James.

Mesmo tendo declarado certa vez ser errado "um escultor ou um pintor falar ou escrever frequentemente sobre seu trabalho, já que isso provoca desperdício da tensão necessária a sua obra", Moore cometeu esse erro numa extensão de 50 mil palavras.

Com estas condena a pintura chinesa, para ele "pouco satisfatória". "A arte perfeccionista não me toca"; fala da impressão que causam as figuras esculpidas por Michelangelo de terem couro em lugar da pele — ao que antepõe como modelos de perfeição as figuras do Partenon e, finalmente, relata aquilo que considera a grande síntese da criação artística: "Pessoalmente, acredito que toda a vida é conflito; é algo que deve ser aceito, algo que deve ser conhecido. Devemos tentar encontrar uma síntese que faça entrar em termos qualidades opostas. A arte e a vida são feitas de conflitos".

## Trienal de "primitivos"

Em Bratislava, capital da Eslováquia, foi realizada a I Trienal de Pintores Primitivos, uma tentativa de constituir um salão internacional dos chamados artistas de "coração puro".

Constou a mostra não apenas de obras de artistas de hoje, das mais diversas procedências — Estados Unidos e Rússia, Índia e Inglaterra, entre outros — mas também de uma retrospectiva na qual foram exibidos trabalhos daqueles que são considerados os cinco grandes mestres franceses da pintura "naive": Rousseau, Bombois, Bauchant, Séraphine e Vivin. Dos Estados Unidos vieram também trabalhos de "primitivos" famosos: Kane e Grãndama Moses.

Infelizmente, o Brasil, que poderia ser apresentado com interessante coleção de obras, não se fez representar no certame.

## Retrospectiva de Chagall

A exemplo do que fez no ano passado com relação a Picasso, o governo francês vai homenagear com uma grande retrospectiva o pintor Marc Chagall. Pinturas, desenhos, gravuras e as raras esculturas do artista estarão reunidas no Gand Palais, a partir de setembro.

O governo francês, aliás, já está realizando outra exposição — homenagem a importante artista da escola de Paris Suzanne Valladon, ex-modêlo, pintora, amiga de Degas e Toulouse-Lautrec e mãe da Utrillo.